

ANTES DO AMANHECER (BEFORE SUNRISE): A SINTONIA E AS DURAÇÕES DO SER NO TEMPO

Simone Koff Barbosa*

O filme *Antes do Amanhecer* (*Before Sunrise*) de 1995, escrito e dirigido por Richard Linklater conta a estória de dois jovens de 23 anos, Jesse (Ethan Hawke) e Celine (Julie Delpy) respectivamente, que se encontram por acaso em uma viagem de trem rumo a Viena e vivem um romance. Ele é americano e resolve passar o último dia de suas férias na cidade de Viena e então convida a francesa (que já morou nos Estados) para passar o último dia com ele na cidade e ela aceita. O único detalhe é que ele tem passagem marcada de volta para os Estados Unidos, para as nove horas da manhã do dia seguinte. A estória não teria nada de incomum ou original, mas, através dos seus diálogos intensos, é possível estabelecer uma reflexão entre a relação do tempo e o ser e do tempo dos relacionamentos.

O trem andando sobre os trilhos em alta velocidade, a paisagem da estrada rumo a Viena, as pessoas trocando de um vagão de um trem para o outro como se estivessem trocando a direção de seus destinos. Essa é a cena inicial do filme *Before Sunrise*.

A questão do tempo de mudança e do tempo fugaz estabelece um contraponto com a questão do tempo eterno. Quando Heidegger fala sobre tempo e eternidade, (Heidegger apud Dastur, p.29) questiona: “O que é o tempo? Quem é o tempo? O tempo é a existência”. Dastur (1990, p.29) complementa esta idéia afirmando: “Não há então que procurar a origem do tempo senão em nós próprios, na temporalidade que somos e por isso, devemos nos perguntar se não somos nós mesmos o tempo”.

Nesse sentido, também podemos interpretar que se o tempo é a existência, de certa forma, somos prisioneiros do tempo que rege nossos pensamentos, do tempo que abriga as nossas lembranças, o nosso passado, e do tempo que está por vir, baseado nas nossas expectativas.

Quando os personagens Jesse e Celine se conhecem no filme e estabelecem uma relação de afinidade, Celine fala de sua relação com os pais:

Quando eu era criança queria muito ser escritora, meu pai dizia, jornalista. Depois queria ser atriz, meu pai dizia, apresentadora de TV. Meus pais sempre tiveram planos para o meu futuro, mas não sei se realmente se importavam como o que eu imaginava para ele. Na verdade, estabeleceram comigo uma relação passivo-agressiva.



Antes do Amanhecer

Nesse sentido, o tempo se relaciona com a projeção, com as expectativas e sonhos da personagem que ficaram escondidos.

Segundo Dastur (1990, p.119), a interpretação de Aristóteles do tempo vai no sentido da compreensão natural, ou seja, a origem do tempo tematiza o tempo como tal, como ele se dá na preocupação. Dessa forma, o que é contado com o tempo são os *agoras*: este tempo do mundo visto a partir do uso de relógios é definido por Heidegger como ‘o tempo do agora’. Em outras palavras, o tempo para o filósofo, seria uma série de sucessões de *agoras*. Ainda de acordo com Dastur (1990, p.220), Platão atribui ao tempo a “imagem da eternidade” e, a partir de então, estabeleceu-se a tese de um tempo contínuo e infinito. Esta definição de infinito está relacionada com uma classificação que é chamada por Heidegger de *nivelamento do tempo baseado na preocupação com a databilidade, a significatividade e a descontinuidade*.

A questão do tempo associada à morte, é



evidenciada em diversas cenas do filme. Assim, o personagem de Ethan Hawke reage com naturalidade perante a morte enquanto o de Julie Delpy considera a morte como uma ameaça. Sob este prisma, Heidegger (apud Dastur, p.79) aborda a questão da morte da seguinte forma:

... A morte enquanto possibilidade não dá a existência nada para realizar, em nada de real que ela possa ser ela mesma. Ela é a possibilidade da impossibilidade de todo o comportamento em relação a todo o existir. Na antecipação dessa possibilidade, ela torna-se sempre maior, isto é, desvenda-se como o que não conhece qualquer medida, qualquer mais ou menos, significando apenas a possibilidade da impossibilidade incommensurável da existência.



Antes do Amanhecer

Dentro desse contexto, Heidegger relaciona a morte com a dificuldade de descrevê-la. Para a maioria das pessoas, a morte não deixa de ser um complexo e infinito mistério e, portanto, torna-se difícil de quantificar ou medir seus significados e, por este motivo, também adquire uma conotação de ameaça diante do desconhecido.

Na amplitude das significações da morte, conforme Dastur (1990, p.12), para Heidegger: “Nós nunca morremos, já que a morte é sempre minha”, ou seja, podemos ter infinitas e únicas interpretações sobre a morte durante o período em que vivemos, mas estas interpretações acabam quando se encerra o ciclo da nossa existência. A morte de alguém, para algumas pessoas, pode não ser o fato em si, mas o equivalente a uma grande decepção, rompimento ou mágoa. Nesse sentido, o causador do sofrimento perde completamente o seu valor para a pessoa atingida e, a partir do momento em que a mágoa toma

forma no tempo e no espaço, aquele alguém não existe mais, é vazio, distante e desprovido de significado.

Em um dos diálogos o personagem de Ethan Hawke se aproxima das idéias platônicas quando menciona “*Somos frações de alguém, frações da eternidade*”. Em outro momento, a personagem de Julie Delpy estabelece a relação da religião com o tempo através do seguinte diálogo:

Se existe algum tipo de mágica neste mundo, está na tentativa de entender e compartilhar algo. É quase impossível alcançar, mas quem se importa? O importante é tentar.. Acho que se Deus existe, ele não está nem em você, nem em mim, mas no espaço que nos separa.

Dessa maneira, podemos questionar a relação entre espaço e tempo como instrumento para o entendimento dos relacionamentos e o tempo necessário para o autoconhecimento. Simultaneamente, o Deus ao qual a personagem se refere pode estar relacionado ao sentimento do amor que une duas pessoas, que não tem prazo específico de duração e cada pessoa vivencia no seu momento. Por isso mesmo existem tantos encontros e desencontros e é difícil vivenciar tal sentimento mutuamente, simultaneamente na mesma intensidade e na sintonia de tempo do outro.

Para Nietzsche, na obra ‘*Para além do bem e do mal*’, o tempo pode estar relacionado com a compreensão dos grandes acontecimentos, quando aponta no aforisma 285 que: “Os grandes acontecimentos e os geniais pensamentos - mas os geniais pensamentos são os grandes acontecimentos – são aqueles que só se pode compreender bem mais tarde. A luz das estrelas mais brilhantes chega mais tarde aos homens”. Complementando essa idéia, na obra *Ecce Homo*, mais especificamente no capítulo ‘*Assim falou Zaratustra*’, Nietzsche estabelece uma relação entre a profundidade da alma e a questão do tempo, conforme constata no aforisma 6 (p.102):

... A alma que possui a escada mais longa e pode descer mais a fundo; a alma mais vasta, aquela mais do que qualquer outra pode correr, divagar, remoinhar-se, aquela que por simples prazer se precipita no acaso, a alma que quer submergir-se no porvir; alma que possui, que quer penetrar na vontade e no desejo.

Através dessa idéia de Nietzsche, podemos estabelecer uma relação no filme *Before Sunrise* com a questão do tempo do acaso e também do tempo profundo e do desejo, conforme conferimos no diálogo dos personagens Jesse e Celine:

Jesse : Já estive apaixonado. Mas este não foi um amor altruísta, nem bonito. Nada é mais egoísta do que estar apaixonado... Tudo o que vivemos é tão efêmero que parece que o tempo que passamos juntos se torne tão importante”.

Celine: Será que nos veremos de novo?
(Nenhum dos dois responde)

Jesse: Por que todo mundo pensa que os relacionamentos devem durar para sempre?

Celine : É uma idiotice.

Jesse : Hoje é nossa única noite. Sem ilusões, nem projeções. Vamos fazer dessa noite ótima.

Celine: Vamos fazer isso..

Jesse : Eu nunca estive em um lugar sem que estivesse lá. Nunca beijei sem que estivesse dando um beijo. As pessoas estão de saco cheio de estarem com elas mesmas. É por isso que elas se odeiam tanto. Com o tempo, você vai odiar minhas manias. Já ouvi minhas histórias e por isso, estou cheio delas. Mas estar com você, me faz sentir como se eu fosse outra pessoa.

Celine : Parece que o nosso tempo juntos e só nosso. E nossa criação. Nós o criamos, você entrou nos meus sonhos e eu nos seus. O legal é que isso não deveria estar oficialmente rolando...

Este diálogo nos faz refletir que tudo o que vivenciamos é realmente efêmero e sabermos que não temos como controlar a velocidade do tempo. O fato de o tempo ser efêmero não significa que as situações que vivemos sejam menos intensas. Consciente ou inconscientemente, algumas pessoas buscam o sonho do relacionamento eterno, que dura para sempre, mesmo assim, não há como prever este tempo. O que existe é o tempo do momento, o tempo do agora.

O tempo da desilusão, da dúvida e da incerteza também é abordado no filme. Algumas pessoas se enganam por amar aquelas que realmente no fundo são fracas, pois se deixam levar pelas circunstâncias, como se não fossem responsáveis pelo rumo do próprio destino. O sentimento do momento, em curto prazo, pode ser

eterno, mas em longo prazo, pode ser enganador. No filme, o tempo da ilusão, do momentâneo e do transitório também pode ser abordado através do poema que é feito por um mendigo de rua para o casal:

Sou o anjo das ilusões. Sou o desfile da fantasia.

Conheça meus pensamentos, não mais os adivinhe.

Você não tem idéia de onde eu vim? Não tem idéia para onde vamos?

Estamos juntos nessa vida. Como dois galhos num rio, sendo levados pela correnteza. Eu te carrego e você me carrega.

Nossa vida pode ser assim .Você não me conhece? Você não me conhece agora?

Algumas pessoas se enganam por amar aquelas que realmente no fundo são fracas, pois se deixam levar pelas circunstâncias, como se não fossem responsáveis pelo rumo do próprio destino.

Este poema também nos leva a pensar que muitas pessoas passam por nossas vidas, algumas vêm para ficar por muito tempo, outras estão somente de passagem. Existem pessoas que passamos anos sem ver e por um acaso do tempo ou da circunstância, quando as encontramos de novo, temos a sensação de que o tempo não passou, como se o último encontro tivesse sido no dia de ontem. Algumas pessoas revelam o que há de melhor em nós, e outras, podemos conhecer por uma vida, mas não sabemos nada sobre elas e para nós, são verdadeiros estranhos. De certa forma, somos reféns das nossas lembranças, do nosso próprio tempo, dos ciclos que vêm e vão e dos ciclos de vida que se renovam.

Em determinados momentos, temos a nítida sensação de que lutamos contra o tempo, querendo antecipar nossos sonhos e metas, sejam elas profissionais ou pessoais. Lembramos do tempo de nossas vidas que foi desperdiçado em coisas ou situações inúteis, do tempo do atraso e, pior

mesmo, do tempo do arrependimento, que é cruel, mas que ficou para trás. Quando mais queremos o imediato, mais tempo esperamos para que a nossa meta se concretize e, por este motivo, o tempo requer paciência e que lembremos daquele famoso ditado que virou clichê



Antes do Amanhecer

remamos contra a maré. Às vezes, é melhor deixar que o tempo se encarregue sozinho de resolver ou não resolver a questão e, como diz a personagem de Julie Delpy no filme: “*Todo mundo tem seus anjos e seus demônios*”.

Queremos fazer muitas coisas ao mesmo tempo...Será que haverá tempo? Tempo para ler todos os livros, ver todos os filmes, conhecer todos os lugares e pessoas que gostaríamos? Tempo para conviver com nossos amigos, nossa família, tempo para diversão, estudo, lazer, viagens, filhos, tempo para os nossos hobbies? Será que haverá tempo para amar? Tempo para escutar aquela música que enche de vida a nossa alma, e outras, questionadoras, que nos fazem pensar que somos apenas espectadores diante de nossas vidas, como a música *Tempo Perdido*, do Legião Urbana, ou ainda aquela frase polêmica do Cazuzu: “*A vida continua, mas o tempo não pára*”. Nesse sentido, Heidegger (G. A 29/30, p.10) questiona sobre a existência do homem no tempo: “O que é o homem? Uma transição, uma direção, uma tempestade que arrasa nosso planeta, um regresso ou um refugio dos deuses? Não o sabemos”. No filme *Antes do Amanhecer*, também não sabemos ao certo qual será o futuro destino dos personagens. Ao final do filme, eles combinam um novo encontro seis meses depois, na mesma estação de trem em Viena. A partir de então, ocorre o desencontro, ele segue viagem para os Estados Unidos e ela vai para França. Mas o diretor deixa nas entrelinhas se haverá ou não tempo para um segundo encontro...

O tempo é toda essa angústia e toda essa a incerteza ao mesmo tempo. Em relação ao passado fica a saudade de um tempo que não volta, fica a lembrança. Existe também aquela saudade de um tempo que nunca vivenciamos, a mais difícil,

aquela que não é real, mas que gostaríamos que fosse verdadeira, de um tempo que nunca existiu. É o tempo da fantasia, o tempo do sonho. É o tempo que mata e o tempo que cura. É tempo do momento, do agora e da realização. Um tempo que é o re-

flexo de nossas vivências e expectativas. Um tempo conduzido por nossas próprias batalhas e, quando menos esperamos, somos surpreendidos pelo acaso. É um tempo de ciclos sucessivos, como se vivêssemos várias vidas em uma só vida. É um tempo incerto este que ainda está por vir, da dúvida e, ao mesmo tempo, da esperança. Um tempo do nosso imaginário. Um tempo que guarda um segredo que ninguém resgata porque de certa forma, é eterno para nós.

NOTAS

* Mestranda do PPGCOM da PUCRS.

REFERÊNCIAS

DASTUR, Françoise. **Heidegger e a questão do tempo**. Lisboa: Inst. Piaget: 1997.

HAAR, Michel. **Heidegger e a essência do Homem**. Lisboa: Inst. Piaget: 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret: 2002.

_____. **Ecce Homo: Como cheguei a ser o que sou**. São Paulo: Martin Claret: 2002.

_____. **Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Martin Claret: 2002.